



## RANGEL PESTANA E O JORNALISMO

Duílio BATTISTONI FILHO

Francisco Rangel Pestana, um dos mais completos intelectuais do Brasil, nasceu em Iguaçú, província do Rio de Janeiro, a 26 de novembro de 1839. Não obstante retraído e calmo, teve uma vida agitada, destacando-se como abolicionista, político, educador e, sobretudo, como jornalista, que tentaremos focar, neste breve estudo. Provinha da antiga e nobre família Pestana, que floresceu em Portugal, na ilha da Madeira, durante o reinado de D. Manuel, o Venturoso.

Pelos registros familiares, sabemos que três irmãos, Francisco Xavier Pestana, Bento Pestana e João Jacinto Pestana, vieram para o Brasil, no início do século XIX. O primeiro estabeleceu-se como comerciante na Corte, pai do almirante Miguel Antônio Pestana, veterano da guerra do Paraguai; o segundo, negociante no Rio Grande do Sul; o terceiro, além de tabelião, exerceu o cargo de secretário da Câmara de Iguaçú. Este casou-se na vila com Luiza Rangel Pestana, de cujo consórcio teve quatro filhos: Joaquim, Ludovino, Emílio e Francisco.

Iniciando seus estudos fundamentais na escola pública de sua terra, Francisco continuou-os no famoso Colégio Curiáceo, na capital do Império, dirigido por Curiáceo Pestana, primo de seu pai. Desse instituto, passou para o Colégio Pedro II, onde teve como um de seus professores, o pedagogo alemão, naturalizado brasileiro, José Hermann Tautphoeus, barão de Tautphoeus.

Com o falecimento de seu pai, não pôde concluir seus estudos preparatórios. Em 1857 vai para São Paulo. Almejando ganhar um ano,

prestou os exames que lhe faltavam, Lógica e Retórica, no colégio Mamede, na ladeira Porto Geral, na altura do antigo Teatro Boa Vista.

Devido à sua delicada saúde, somente aos 20 anos, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelado-se em 1863. Vale ressaltar que a sua turma era a mais numerosa do século XIX, (116 acadêmicos) destacando-se entre eles, figuras maiúsculas da política brasileira como Prudente José de Moraes Barros e Manuel Ferraz de Campos Sales, que se tornariam presidentes do Brasil; Bernardino José de Campos Júnior, futuro presidente de São Paulo; Francisco Quirino dos Santos, jornalista e poeta, e Teófilo Carlos Benedito Ottoni; presidente da província de Minas Gerais.

Desde os tempos acadêmicos, Rangel Pestana revelou pendores para as lides jornalísticas. Apesar de frio e reservado, sustentava acaloradas polêmicas pela imprensa. Em 1860, redigiu com os companheiros de faculdade - Quirino dos Santos e João Antonio de Barros Junior - o **Lírio**, jornal de variedades dedicado às famílias, com excelentes trabalhos em prosa e verso. Dois anos mais tarde, colaborou com José Cesário de Faria Alvim, no **Futuro**, folha que se batia pelo partido liberal, dirigido por Teófilo Ottoni. Sua publicação dava-se aos sábados. Foi célebre a sua luta contra o partido conservador, com artigos veementes e sarcásticos. Fez parte também da folha liberal **Época**, que era publicada regularmente aos domingos, mas, quando a necessidade o exigisse, aparecia duas ou mais vezes por semana. O texto contava de artigos doutrinários, literatura e notícias. Tinha por epígrafe, uma frase de Alexandre Herculano: “No meio das provações, das afrontas, das calúnias, das maldições, nós prosseguiremos avante nesta cruzada de civilização e de liberdade”.

Quando Rangel deixou a Faculdade de Direito, iniciando a vida prática, o aspecto geral da cidade não havia sofrido alteração desde o ano da independência. Entretanto, a partir do governo do Dr. João Teodoro, de 1872 a 1875, inúmeros serviços foram prestados à cidade, transformando a fisionomia da Capital, com melhoramentos até então desconhecidos, embelezando-a e saneando-a. Foi procedido o recenseamento da população da Província, cabendo à capital 25.000 habitantes; no tocante a estradas e pontes, autorizou vultosos contratos para consertos e construções,

tendo organizado um novo sistema de obras, julgado de ótimos resultados, que consistia de capitais particulares, garantindo ao governo provincial juros de 24% sobre o capital empregado. As estradas de ferro já estavam sendo implantadas. Quanto à instrução pública, havia na província, 246 escolas primárias, para ambos os sexos. Deu regulamento à Escola Normal e já funcionavam os seminários de Santana e Nossa Senhora da Glória.

Já tendo uma certa experiência no ramo jornalístico, enquanto estudante, Rangel montou, em 1866, com seus antigos colegas e amigos a **Opinião Liberal**, no Rio de Janeiro, um dos jornais mais importantes da época, cujo programa era considerado o mais ousado acerca das idéias republicanas e sobre a questão da substituição do trabalho escravo pelo livre.

Em 1870, sentindo a saúde um tanto comprometida, resolveu transferir-se para Campinas, SP, a fim de abrir banca de advocacia, sem contudo, abandonar o jornalismo, colaborando na “Gazeta de Campinas”. Nessa cidade, casa-se com Damiana Quirino dos Santos, filha de um fazendeiro, major Joaquim Quirino dos Santos, e irmã de João Quirino dos Santos, seu antigo companheiro de imprensa e academia. Tiveram numerosa prole. Dotado de grande coração, Rangel Pestana persuadiu sua esposa a que libertasse os seus escravos. Este gesto de altruísmo provocou - da parte dos fazendeiros - revolta e indignação, chegando Rangel a ser considerado por eles, como “revolucionário perigoso e homem de maus exemplos”. Essas injúrias recebeu-as com superioridade, abstando-se propositadamente de sustentar, nesse terreno, lutas pela imprensa, pois antevia para breve a redenção do negro escravizado. Podemos considerá-lo, portanto, um dos precursores do abolicionismo, pois como se vê, sua ação, nesse setor, foi anterior mesmo à lei do “Ventre Livre”, promulgada na primeira regência da Princesa Isabel, a 28 de setembro de 1871.

Em Campinas, muito preocupado com os problemas educacionais e com o ensino, Rangel foi convidado pelo reverendo Nash Morton, diretor do Colégio Internacional, para lecionar as disciplinas Língua Portuguesa e Retórica, tendo como aluno aquele que viria a ser um dos seus mais valorosos companheiros de cruzadas - Júlio Mesquita.

Signatário do Manifesto Republicano, Pestana despertou nos seus alunos, os ideais republicanos e foi o responsável pela inauguração, no mundo estudantil campineiro, do sistema de palestras abertas ao público, as chamadas conferências populares, de grande repercussão na cidade.

Entusiasta da educação feminina, foi ainda professor do Colégio Florence para moças, dirigido por Carolina Florence. Deve-se ressaltar que, na ocasião, a célebre educadora estava casada com Hércules Florence, notável desenhista francês que tinha participado da célebre expedição do Barão de Langsdorf ao interior do País e que se notabilizara por interessantes descobertas, entre elas, a da fotografia. A contribuição de Pestana, como professor em Campinas, estendeu-se por todo o ano de 1875, quando decide fundar o seu próprio colégio na capital da Província.

Fixando residência em São Paulo, depois de onze anos de ausência, na rua da Constituição, anteriormente denominada ladeira Miguel Carlos, hoje, Florêncio de Abreu, nesse mesmo ano, decide juntamente com amigos, fundar a **A Província de São Paulo**. Américo de Campos e Campos Sales adquirem uma tipografia no Rio de Janeiro constituindo-se de uma impressora “Alauzet”, um manual e algumas caixas de tipos. Não medindo esforços, reúnem em comandita, com o nome de Pestana, Campos e Cia, um grupo de republicanos.

Os periódicos de então limitavam-se apenas a divulgar atos oficiais, telegramas e notícias atrasadas. Os mais acatados eram o “Correio Paulistano”, fundado em 1854 e o “Diário de São Paulo”, pertencente ao Partido Conservador, às expensas do qual vivia, tendo ainda uma subvenção do governo. Os outros não passavam de efêmeras folhas acadêmicas, sem maior importância.

**A Província de São Paulo** começa a circular a 4 de janeiro de 1875, dividido em cinco colunas e quatro páginas. No cabeçalho, entre outras informações, constavam os nomes dos redatores responsáveis -Américo de Campos e Francisco Rangel Pestana - bem como o do administrador, José Maria Lisboa, que abandonara o Correio Paulistano para se incorporar a seus novos companheiros de imprensa.

Abria o jornal um artigo de fundo de autoria de Rangel Pestana sobre a situação política, econômica e social, naquele momento. Embora se proclamasse jornal independente, não deixava de transparecer, em suas colunas, o entusiasmo pelos ideais republicanos, batalhando mesmo pela propaganda republicana.

Em junho desse ano, a tiragem da folha alcançava o número expressivo de 2.200 exemplares, o que evidenciava a sua imensa popularidade. Ao começar o segundo ano de vida, pela primeira vez em São Paulo, um jornal era apregoado e vendido nas ruas da cidade por um francês de nome Bernard Gregoire, que, a cavalo ou a pé, fundaria a profissão de jornalista.

Todo o dinheiro da empresa era depositado no Banco Mauá. Porém, com a falência deste, em 1876, um rude golpe abalou os donos do jornal, pois perderam-se 29:636\$000, soma considerável para a época. Mas, esse acontecimento não desanimou Rangel Pestana. Recorrendo aos seus meios pessoais, colaborou com a quantia de 23:000\$000, resultando daí o equilíbrio financeiro da empresa. A sua benevolência foi tal que torna-se seu primeiro diretor e principal proprietário. Até então os nomes dos diretores, no cabeçalho colocavam-se na ordem Américo de Campos e F. Rangel Pestana. Doravante passou a ser F. Rangel Pestana e Américo de Campos.

Em 1879 sobreveio outra crise financeira. Rangel pede um reforço de capital aos comanditários. Contudo, não puderam atendê-lo. Foi então que, com o auxílio do Dr. Luiz Pereira Barreto, e de alguns amigos, reorganizou a comandita com um aumento substancial de capital e que permitiria a Rangel solucionar as dificuldades financeiras do momento. Somente em 1882, todos concordaram voluntariamente em dissolver a comandita, deixando a Rangel, como único proprietário a obrigação de pagar dentro de certo prazo as dívidas do jornal.

Entrementes, os proprietários rurais procuravam menosprezar a ideologia abolicionista de Pestana, por ferir os seus interesses. As eleições de 1881 foram um sucesso para o **PRP**. O partido viu eleitos à Assembléia da Província os seus candidatos, dentre os quais Rangel

Pestana. A campanha eleitoral foi encerrada em Campinas, com festas memoráveis, destacando-se o grande banquete de 5 de janeiro de 1882, no Teatro São Carlos. O programa da maioria dos candidatos era muito ambíguo. Por exemplo, o problema da escravidão foi uma abstenção disfarçada com “reformas econômicas, políticas e administrativas”. Muito a propósito, acerca do abolicionismo, o jornal de língua inglesa, “The Rio News”, publicado no Rio de Janeiro, comentava em sua coluna, a 27 de fevereiro de 1883, que a província de São Paulo, em geral, e o município de Campinas, em particular, eram os centros mais ferozes e irredutíveis do escravismo. O jornal fazia notar que, contando São Paulo, naquele instante, com 174.772 escravos a mais que a província açucareira de Pernambuco, era, entretanto, a região onde o número de alforrias era de todos o menor. Essa publicação levantou nos meios agrários de Campinas, uma profunda indignação, com imediata e alarmada repercussão no seio da Comissão Permanente do **PRP**.

Alguns anos mais tarde, um rapaz de 22 anos, Júlio Mesquita, vindo de Campinas, começa a aparecer nas colunas do jornal como redator político. Graças à sua ascensão como jornalista, tornou-se pouco tempo depois, redator e administrador do novo jornal. Em 1888, era Júlio Mesquita o gerente daquele importante matutino e, como tal, conservou-se até a proclamação da República, um ano mais tarde. Porém ele e Rangel Pestana resolveram se afastar do jornal, pois foram escolhidos para serem respectivamente, secretário e membro da Junta Governativa provisória. E, assim, a 17 de novembro, desaparecem do frontispício de **A Província de São Paulo**, seus respectivos nomes. Contudo, Rangel não deixou de colaborar no jornal, tal a sua paixão pelo jornalismo. A 1º de janeiro de 1890, o jornal passaria a ser chamado de **O Estado de São Paulo**, nome que conserva até hoje.

O afastamento de ambos durou pouco, pois em meados de janeiro já haviam retornado às suas atividades, cabendo a Rangel a responsabilidade de ser o seu redator-chefe. Todavia, foi chamado pelo governo brasileiro para trabalhar no anteprojeto da Constituição. Vai ser substituído no jornal por Júlio Mesquita. Depois de trabalhar durante seis

meses nesse projeto, Rangel reassume seu posto, coincidindo a sua chegada com a conclusão da reforma das oficinas do jornal.

Em outubro de 1890, cansado, doente e desgostoso pelos rumos tomados pela República, Pestana se afasta das lides jornalísticas e recolhe-se em sua residência. Como político, apesar de ter sido distinguido com tantas e elevadas posições, não pôde ocultar a profunda mágoa causada pelas sucessivas decepções e injustiças, dentre as quais, a de não ter o seu nome figurado entre aqueles que assinaram a Constituição da República, na qual emprestou a sua colaboração. Entretanto, lutador abnegado, não esmoreceu. Verdadeiro idealista, jamais almejou conquistar altas posições ou cargos.

O ilustre jornalista faleceu a 17 de março de 1903, aos 64 anos, dos quais 40 consagrados a serviço do progresso, do bem comum e da grandeza de São Paulo e do Brasil.

### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1) Arilda Inês Miranda Ribeiro. *A Educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas* 1863-1889. Campinas: Área de Publicação Cmu/Unicamp, 1996.
- 2) Edith de Sabóia. *A vida de Rangel Pestana*. Suplemento do Centenário, O Estado de São Paulo, nº 11. 15/03/1975.
- 3) José Maria dos Santos. *Os Republicanos paulistas e a Abolição*. São Paulo, Livraria Martins, 1942.
- 4) Júlio Andrade Ferreira. *História das Igrejas Evangélicas da Cidade de Campinas*. In: Monografia Histórica do Município de Campinas. Rio de Janeiro, IBGE, 1952.

